



● A tragédia do RS ● Lições para o futuro

Gestão da crise teve abrigo em área alagada, atrasos e dados errados

— Comunicação de alertas e postagens nas redes sociais causaram saída às pressas de Porto Alegre; mapa com falha de inundações também foi alvo de diversas críticas

PRISCILA MENGUE

Um “equivoco de comunicação” foi a expressão utilizada pelo prefeito de Porto Alegre, Sebastião Melo (MDB), para descrever uma situação que causou a saída às pressas de moradores de dois dos principais bairros da capital do Rio Grande do Sul há uma semana. A demora na emissão de alertas e avisos de remoção, a abertura de abrigos em áreas alagáveis, a veiculação de informações imprecisas (e até erradas) e outras falhas na gestão de crise se repetiram entre autoridades públicas com a calamidade causada pelas enchentes e chuva extrema no Estado.

Em coletiva de imprensa, o prefeito da capital gaúcha reconheceu a demora para ser comunicado do desligamento de parte do sistema de bombeamento que impedia o avanço da enchente pelos bairros Menino Deus e Cidade Baixa. Nessa situação, com as águas chegando a mais vias, decidiu postar um vídeo nas redes sociais em que recomendava esvaziar os dois bairros, sem citar onde ir ou quais quadras seriam afetadas. A situação causou correria e engarrafamentos.

“Se as cidades do Estado tivessem se preparado, tivessem planos, todos podiam ter tomado ações e retirado as pessoas de forma mais estruturada”

Regina Alvalá
Diretora do Cemaden

O caso citado não foi o único. “As cidades e o Estado não estão preparados para lidar com a situação, e a população não recebe informações efetivas”, avalia Mariana Madruga de Brito, especialista em gestão de risco de desastres com atuação na região e pesquisadora do Centro Helmholtz para Pesquisas Ambientais da Alemanha.

A pesquisadora analisa que os avisos e alertas não tiveram uma execução eficiente de modo a chegar às pessoas e conscientizá-las do real risco. Como exemplo, cita que deve-



WILTON JUNIOR/ESTADÃO

Voluntários ajudam em resgate no bairro São João, Porto Alegre; para especialistas, faltou investir em educação, prevenção e comunicação

riam ser enviadas por mensagem de celular mesmo para quem não é cadastrado e com informações objetivas. “Dizer só que vai ter inundação não é suficiente. As pessoas precisam saber o que fazer, aonde ir, as atitudes seguras”, afirma.

Dessa forma, ela cita casos de pessoas que não sabiam qual número procurar para solicitar um resgate. Situações semelhantes se repetiram ao longo do desastre, com incontáveis pedidos espalhados por redes sociais e grupos de mensagens, assim como postagens de grupos dispostos a buscar os ilhados. “As pessoas se organizaram mostra a lacuna (deixada pelas autoridades) que tiveram de preencher”, diz ela.

MAPA ERRADO. Outra situação que causou críticas foi a divulgação da imagem de um mapa com áreas propensas a alagamentos na região metropolitana, feito pela Defesa Civil do Estado. A projeção não havia considerado relevo e outras características que interferem no avanço das águas.

Após a publicação, um grupo de hidrólogos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) compartilhou um texto assinado por um deles para explicar que o mapa da Defesa Civil não incluía áreas “conhecidamente altas, que se-

riam impossíveis de serem inundadas”. No texto, é descrito que a situação teria causado “confusão e pânico”.

No mesmo dia, outra postagem com problemas teve repercussão. O perfil do prefeito de Canoas, Jairo Jorge (PSD), postou a gravação de uma ligação na qual ele dizia que nove pessoas teriam morrido durante a transferência do Hospital de Pronto-Socorro. Horas depois, houve um esclarecimento: na verdade, foram três os óbitos.

No desastre gaúcho, a divulgação de imagens de mapas que não permitiam a visualização de quais ruas abrangiam esteve entre as principais reclamações. A seção de comentários de cada publicação do tipo é repleta de pedidos de mais informações e reclamações. “Informem os endereços dos locais seguros para as pessoas que não têm para onde ir”, cobrou um internauta.

Professora e pesquisadora da Federal do Rio Grande do Sul na área de risco, crise e comunicação, Ana Karin Nunes avalia que a situação no Rio Grande do Sul teve alguns casos em que “se pecou pelo excesso”, com informações desencontradas, por exemplo. Segundo ela, esse ponto é ainda mais importante porque são situações novas para grande parte dos afetados e em um contexto sem treinamento.

ABRIGO ERRADO. Além disso, há a localização de alguns pontos importantes de resposta à crise. Um dos primeiros abrigos de resposta à enchente foi instalado, por volta da quarta-feira, em uma casa de shows em frente ao aeroporto da cidade. Dois dias depois, as pessoas precisaram ser recolhidas para novo local, diante do avanço das águas do Guaíba pela aquela região.

Tolerância maior
‘Ninguém esperava que o sistema fosse falhar’, afirma professor da UFRGS

Situação semelhante se repetiu no centro cultural do Teatro Renascença, que funcionou como um ponto de triagem para desabrigados. O local precisou ser esvaziado às pressas após o avanço da enchente pelos bairros Menino Deus e Cidade Baixa. Em ambos os casos, os locais ficam em áreas sabidamente propensas a alagamentos.

Em uma análise geral desse tipo de situação, o professor do Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH) da UFRGS Fernando Mainardi Fan avalia que os prefeitos deveriam considerar um mapeamento com dados detalhados da topografia, o que é pouco comum no País.

Para ele, foram tomadas “algumas decisões equivocadas” em Porto Alegre, por exemplo, “mas, na verdade, não se pode culpar ninguém, porque ninguém esperava que o sistema fosse falhar”.

ALERTAS E INFORMAÇÕES. Já a diretora substituta do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), Regina Alvalá, avalia que o tempo de resposta aos avisos emitidos pela central demoraram no Rio Grande do Sul, assim como em outras tragédias históricas no País. “Foi devidamente previsto e alertado”, afirma.

“A primeira previsão de risco alto de inundações do Cemaden foi em 30 de abril. Se as cidades do Estado tivessem se preparado, tivessem planos, todos podiam ter tomado ações e retirado as pessoas de forma mais estruturada”, analisa.

Professor de Psicologia na Federal de Rio Grande (Furg), Lucas Neiva Silva fala do impacto da crise na comunicação, pois a adoção de protocolos e orientações claras poderiam evitar decisões precipitadas. E cita o desabastecimento de supermercados, mesmo antes do avanço da enchente. “Tem o impacto, inclusive, da desigualdade social, porque quem tem mais dinheiro chega lá, compra 200 litros de água, faz compra para 60 dias.” ●